

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULA SCHUARTZ

AS IMPLICAÇÕES DA DEFINIÇÃO DE NATUREZA E SOCIEDADE NA
EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO, SEGUNDO ROUSSEAU

CURITIBA

2015

PAULA SCHUARTZ

AS IMPLICAÇÕES DA DEFINIÇÃO DE NATUREZA E SOCIEDADE NA
EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO, SEGUNDO ROUSSEAU

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: ética, política e educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro

CURITIBA

2015




Universidade Federal do Paraná
Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética,
Política e Educação – Setor de Educação.

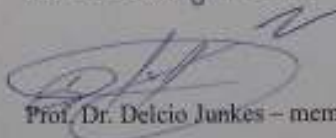
Ata da Banca Examinadora de Monografia

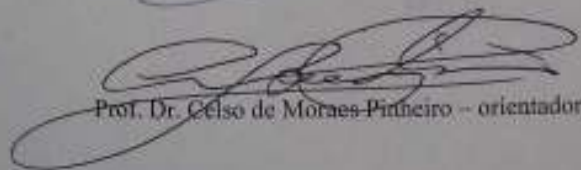
Aos dois dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quinze, na sala 500, do Edifício D. Pedro I, campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná, às 14:00 horas, reuniu-se a Comissão de Avaliação de Especialização do Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação para arguir a aluna **PAULA SCHUARTZ** e avaliar a apresentação de sua monografia “**As implicações da definição de natureza e sociedade na educação do homem e do cidadão segundo Rousseau**”, apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação. A comissão esteve constituída pelos professores, Dr. Celso de Moraes Pinheiro (orientador), Dr. Delcio Junkes e Dr. Gelson João Tesser.

A comissão atribuiu ao trabalho escrito o grau 8,5(oito e meio) e à defesa o grau 8,5(oito e meio). A média final foi 8,5(oito e meio)

Nada mais havendo a constar eu, Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro, presidente desta Banca do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos integrantes da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. Gelson João Tesser – membro arguidor.


Prof. Dr. Delcio Junkes – membro arguidor.


Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro – orientador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo apoio, carinho e paciência.

Agradeço também ao prof^o Celso Pinheiro, pela orientação e dedicação.

“A função suprema da educação e do direito, ambos fundados na liberdade humana, é permitir que a natureza desabroche na cultura. A partir desse momento, os homens redescobrem o momento de que gozavam anteriormente em sua existência natural. O que descobrem agora, porém, já não é apenas o imediato primitivo da sensação ou do sentimento, mas o imediato da vontade autônoma e da consciência racional.” (JEAN STAROBINSKI).

RESUMO

O presente trabalho procura sistematizar, em um primeiro momento, com base na obra *O Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* do Filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, as características da condição natural do homem ou também do estado de natureza, na qual os seres humanos são bons e livres. Posteriormente se coloca o processo de transformação humana, que aos poucos degenera a bondade originária do homem e que o leva a condição de desigualdade, neste momento temos a descrição da passagem do estado de natureza para o estado de sociedade. E assim, se estruturará a educação a partir da leitura da obra *Emílio* ou *da Educação*, na qual Rousseau estabelece uma espécie de cura ou resgate da natureza humana, colocando os preceitos para a formação do homem. A educação é analisada segundo as implicações do conceito de estado de natureza e estado de sociedade na proposta pedagógica de Rousseau, a qual se propõe formar o homem e o cidadão, visando um projeto de educação, ética e política.

Paravras-chave: Natureza. Sociedade. Educação. Homem. Cidadão.

ABSTRACT

This work search to systematize, in first moment, based on *The Discourse on the Origin and Foundations of Inequality Among Man*, written by genevan philosopher Jean-Jacques Rousseau, the characteristics natural condition of man and also state of nature in which human beings are good and free. Later the human transformation process which gradually degenerates the original goodness of man and that leads to inequality of condition at this time we have a description of the passage of the state of nature to the state of society. And so will structure the education through reading of work of the Rousseau's *Emile*, establishes a kind of healing or red

emption human, nature putting the precepts for human development. Education is analysed according to the implications of the state of nature concept and state of society in the pedagogical proposal of Rousseu, it proposes that form the man and the citizen, aiming an education project, ethics and politics.

Key words: Nature. Society. Education. Man. Citizen.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 ESTADO DE NATUREZA	10
2.1 A IDEALIZAÇÃO DO HOMEM.....	11
2.2 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	14
3 O PROCESSO EDUCAÇÃO	19
3.1 OS TRÊS MESTRES.....	20
3.2 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO.....	22
4 FORMAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO SEGUNDO O CONCEITO DE NATUREZA E SOCIEDADE	25
4.1 A FORMAÇÃO DO HOMEM NATURAL E A VIDA EM SOCIEDADE.....	27
4.2 A FORMAÇÃO DO CIDADÃO.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

“É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas” (ROUSSEAU, 2004, p. 325) diz Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)¹, Filósofo moderno que tem como principal foco de sua obra as questões relacionadas ao homem. Paradoxalmente com a sua vida, sua obra tem elementos que discutem o repúdio e a origem da desigualdade; a corrupção da sociedade; a descrição da natureza humana e o papel da educação. Mesmo tendo abandonado seus filhos na roda dos rejeitados, Rousseau se defendeu dizendo que era preferível ser um homem de paradoxos a ser um homem de preconceitos. Fiquemos, portanto, apenas sem os preconceitos.

Para os filósofos do século XVIII, o tema da natureza humana era recorrente entre os seus escritos, com Rousseau não foi diferente, assim, sua principal temática é o desenvolvimento do homem, ou seja, existe um primeiro homem que possui características inatas, este homem é um selvagem que vive em pleno contato com a natureza; após um logo processo de mudanças, causadas pelas circunstâncias, o homem natural começa a sofrer alterações em sua essência, passando assim para o estado social, o qual Rousseau diz ser um estado de desigualdade.

Essa oposição entre natureza e sociedade, bem como homem e cidadão é o núcleo da filosofia de Rousseau, é a partir dela que conseguimos entender as implicações de todos os outros conceitos de sua teoria como, por exemplo, suas considerações sobre educação, as quais estão intimamente ligadas a relação natural e social, conforme veremos adiante.

Além disso, Rousseau quer denunciar “uma sociedade que legitima a desigualdade e onde a vida comum é regida por convenções e formalidades” (STRECK, 2004, p. 15). A educação entra como fonte de mediação entre a natureza e a sociedade, mesmo a educação não sendo o ponto chave das discussões dos outros filósofos do “Século das Luzes”.

¹ **Jean-Jacques Rousseau** nasceu em junho de 1712 em Genebra foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo.

A fé no poder da educação chega a ser um traço mental e cultural da época. Fortemente ancorados na ideia de uma natureza humana universal, alguns iluministas iniciam o debate em torno da necessidade de democratização, obrigatoriedade e laicização da educação. (DOZOL, 2006, p. 17).

Assim, consideram-se na primeira parte desse trabalho, as questões sobre o **Estado de natureza**, segundo Rousseau, seguida da caracterização da **Idealização do homem** e das **Transformações sociais** sofridas na natureza humana e o que levou o homem ao estado civil, esta análise será realizada principalmente a partir do texto *O Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*². A partir do livro *Emílio ou Da Educação*³ veremos como é **O processo de educação, Os três mestres e As fases do desenvolvimento** da criança, que são as perspectivas que guiam o conceito de educação propriamente dito. Isso se realiza na tentativa de colocar a educação como uma fuga da degeneração social, além disso, no fim desse processo educacional se pretende buscar quais são as implicações do conceito de estado de natureza e estado social sobre a formação do homem e a formação do cidadão, assim se coloca na terceira parte desse estudo sobre a **Formação do homem e do cidadão segundo o conceito de natureza e sociedade**, seguida da tentativa de explicações mais detalhadas da **A formação do homem natural e a vida em sociedade** e por fim **A formação do cidadão**.

Além das obras de Rousseau, as biografias e os comentários complementares são indispensáveis para a organização e esclarecimentos dos principais termos utilizados pelo Filósofo.

O que se quer também é estabelecer as relações filosóficas do pensamento de Rousseau com a educação, a fim de refletirmos a respeito da educação como um processo de pensamento filosófico; que a educação seja sempre uma construção, uma reinvenção, e dela se possam tirar implicações necessárias para a vida. Além

² *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*, também chamado de Segundo Discurso, publicado em 1755, foi produzido para uma premiação da academia de Dijon, para a melhor resposta à questão: “qual a fonte da desigualdade entre homens e se ela é autorizada pela natural”. Jean-Jacques Rousseau, não ganha o prêmio, como já havia ganhado anteriormente com o Primeiro Discurso *o Discurso Sobre as Ciências e as Artes*. No Segundo Discurso, Rousseau disserta sobre as bases, as quais se firma o processo gerador das desigualdades sociais e morais entre os seres humanos.

³ Em 1761 ocorre a publicação de *Emílio ou Da Educação*. Este Tratado encontrou grande sucesso, revolucionando a pedagogia e serviu de ponto de partida para as teorias de todos os grandes educadores dos séculos XIX e XX. No livro, Rousseau conta a caminha da educação de um órfão nobre e rico, Emílio, de seu nascimento até seu casamento.

disso, como coloca Dalbosco (2011) poucas obras da História da Filosofia têm imbricações entre filosofia e pedagogia, como os escritos de Rousseau, ou também “entre o processo formativo e conteúdo moral da ação humana” (p. 21), ou seja, o objetivo do Filósofo se torna, ao mesmo tempo na junção das suas diferentes obras, um projeto de educação, ético e política.

A escolha por Rousseau é dada também pelo empreendimento do próprio objetivo desse trabalho que se faz pela educação como “peça chave no processo de conformação das vontades particulares à vontade geral. Educação para a virtude – condição para a possibilidade do pacto – é pois, a divisa do projeto político-formativo rousseauianos” (DOZOL, 2006, p. 47).

2 ESTADO DE NATUREZA

Para que se possa compreender os caminhos tomados por Rousseau frente a educação, a formação do homem e do cidadão, faz-se necessário primeiramente abarcar alguns conceitos fundamentais presentes na filosofia do sugerido autor.

O primeiro conceito a ser entendido é o de natureza humana que se concentra em uma fase da constituição humana chamada de estado de natureza. No texto *O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, também conhecido como Segundo Discurso, o Filósofo caracteriza esse estado natural, ou seja, o ser humano nas suas formas mais originais, a fim de encontrar o nascimento da desigualdade. “Pretende mostrar as desigualdades sociais, morais e políticas – como, por exemplo, a desigualdade de riquezas e a desigualdade de poder – não têm origem na natureza e que a maior parte de nossos infortúnios é obra nossa” (MARUYAMA, 2001, p. 23), pois, ela,

...a desigualdade é, com certeza, uma marca tão saliente em nossa civilização que não dá para escondê-la. Em primeiro lugar, os homens são diferentes, vivendo sob condições variadas e formando povos distintos, com costumes e línguas próprias. Mas há no interior de cada sociedade, uma diferença muito notável, a qual se denomina desigualdade. (FORTES, 2007, p. 48).

Assim, nas ideias de Rousseau, essa desigualdade, tão notável em nossa sociedade, um dia não existiu, é aí que ele entrará com o conceito de natureza humana, refazendo o homem e pensando sobre quais são as características mais originárias dos seres humanos. Porém, antes disso, ele colocará que existem dois tipos de desigualdade: uma que é física e não depende de nós e outra que é moral ou política, sendo que esta é autorizada pelo homem, ou seja, sua realização depende de nós.

Concebo, na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das formas, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecido ou, pelo menos, autorizado pelo consentimento dos homens. (ROUSSEAU, 1979, p. 241).

A partir dessa concepção, para que se possa compreender a origem dessa desigualdade moral, já que é a única que depende de nós, é necessário conhecer o próprio homem e “separar o que há de originário e de artificial na natureza atual do homem e conhecer devidamente um estado que não existe mais” (ROUSSEAU, 2012, p. 34). Assim, como dito, o homem possui uma constituição primária, porém, passa por mudanças através do tempo e das coisas. Deve-se, portanto, como afirma Rousseau, separar aquilo que é de sua essência do que foi produzido pelas circunstâncias e pelo progresso.

...a desigualdade surge num determinado momento contingente. Rousseau explicou a origem da desigualdade através de uma teoria de como a humanidade se movia (ou deveria ter se movido) do estudo da natureza, no qual não havia desigualdade, para os arranjos atuais das coisas em que a desigualdade é difusa. (SIMPSON, 2009, p. 95).

Ou seja, para Rousseau existe um outro momento em que o ser humano se encontrará com a desigualdade, assim, ela é criada em um estado posterior ao estudo de natureza, ele chamará esse momento de estado social ou civil, no qual, após mudanças ocorridas pelo desenvolvimento da própria natureza e das relações com os seres humanos, transformará e os colocará no estado de sociedade.

Entretanto, antes das transformações, “é preciso ir até a essência do homem para poder julgar sua condição atual” (FORTES, 2007, p. 49), ou seja, segundo Rousseau (2012) “é necessário ter noções justas para avaliar bem nosso estado presente” (p. 35). Para o filósofo essa ida aos tempos mais remotos, refazer logicamente esse homem é o que levará a verdade sobre nossa constituição, o que erradamente muitos filósofos deixaram de fazer, pois, consideravam o homem pelo que ele é atualmente, um ser moral e com leis, “falavam do homem selvagem e descreviam o homem civil” (ROUSSEAU, 2012, p. 44). Assim, “enquanto não conhecermos o homem naturalmente, será uma atitude vã querer determinar a lei que ele recebeu ou a que melhor convém á sua constituição” (ROUSSEAU, 2012, p. 37).

2.1 A IDEALIZAÇÃO DO HOMEM

Ora, sem o estudo sério do homem, de suas faculdades naturais e de seus desenvolvimentos sucessivos, nunca se chegará a fazer essas distinções e a separar, na atual constituição das coisas, o que fez a vontade divina daquilo que a arte humana pretendeu fazer. (ROUSSEAU, 2012, p. 39).

Assim, Rousseau concebe o ser humano em seu estado mais primitivo. O ponto de partida da reconstrução das características essenciais é, segundo Simpson (2009), confundido no próprio argumento de Rousseau, pois o Filósofo fala da construção humana como um retrato daquilo que o homem foi, ou seja, faz a descrição dos aspectos naturais e das mudanças a partir da perspectiva histórica, afirmando “eis aqui a tua história”, sendo que as circunstâncias que se sucederam fizeram com que o homem progredisse e assim modificasse o seu estado natural. Porém, Rousseau também fala que esse ser humano que ele irá caracterizar é uma mera hipótese sem conexão com a história propriamente dita, pois isso seria impossível fazer de modo absoluto e exato. “Não convém tomar as investigações que podem ser feitas sobre esse tema como verdades históricas, mas apenas como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais aptos a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem” (ROUSSEAU, 2012, p. 45).

Fortes (2007), também interpreta a posição ambígua de Rousseau frente à estruturação do homem. Para o comentador

Rousseau não procedeu a uma investigação abstrata sobre os atributos que constituem o homem. Ele interpretou a evolução desde os primórdios da humanidade até hoje. O que interessa é a lógica própria ao desenvolvimento humano através da história. Trata-se de uma investigação “antropológica”, que buscará reconstruir estágios perdidos na evolução do homem para definir como era ele em seus primórdios e como teriam ocorrido as alterações. Teremos a reconstrução dinâmica e dramática que oporá um “estado de natureza” a um “estado de sociedade” e recriará imaginariamente os sucessivos cenários intermediários que conduziram de um termo a outro. (p. 44-45).

Vejamos então como é caracterizado esse homem natural e as ocorrências que sucederam nesses aspectos naturais que levou o ser humano a um outro estágio.

Afastando todos os fatos, para Rousseau os homens em seu estado primordial são indivíduos, ou seja, não dependem de mais ninguém além de si mesmo e são considerados naturalmente iguais entre si, assim “como são os animais de cada espécie” (ROUSSEAU, 2012, p. 34). Dessa forma, dirigindo o olhar diretamente à natureza, os seres humanos em especial possuem aspectos que os

distinguem de outros animais, sendo que o primeiro elemento dessa diferenciação é a liberdade. Porém, a liberdade não é válida sozinha, o que move a liberdade é a consciência que o homem possui de que é um agente livre.

Duas considerações a serem feitas a esse respeito são sobre a razão e a consciência. Em primeira, aqui a razão (faculdade de raciocinar), não é para Rousseau como na tradição “homem: animal racional”, ela se desenvolve posteriormente, em outro estado, é como se nesse momento ela estivesse em potência de ser. Outra questão é a de que seria essa consciência, que Rousseau afirma ter o homem, o próprio Filósofo a descreve do seguinte modo: “há portanto no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude de acordo com o qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos bons ou más nossas ações e as alheias e é esse princípio que chamo consciência” (ROUSSEAU, p. 597-598 *apud* FORTES, 2007, p. 54).

Entretanto, Rousseau diz que a consciência só pode ser ativada pela luz da razão, “a consciência, portanto, não existe no homem que ainda nada comparou e que não percebe suas relações” (ROUSSEAU, 2005, p. 48), ou seja, ela não se manifesta no homem que está em pelo estado de natureza. Parece, deste modo, que a liberdade só é válida a partir da ação do homem.

Até aqui, ainda estávamos estruturando o homem de um ponto de vista metafísico. A liberdade embora parecesse estar em estado latente, ela existe em sua mais alta posição na condição natural, e ainda não podemos falar em transformação efetiva, pois essa só ocorrerá na combinação com outras características inatas e com uma série de acontecimentos que veremos adiante.

O homem é também um ser proveniente de Deus, sendo este percebido pela observação do universo e definido da seguinte maneira pelo Filósofo: “se Deus existe, ele é perfeito; se é perfeito, é sábio, poderoso e justo; se é sábio e poderoso, tudo está bem” (ROUSSEAU, 2005, p. 132). Se, somos criação de Deus, segue-se daí que a bondade é uma consequência necessária, ou seja, está engendrada na condição humana. “O homem é um ser naturalmente bom, que ama a justiça e a ordem, que não há perversidade originária em seu coração humano, e que os primeiros impulsos da natureza são sempre corretos” (ROUSSEAU, 2005, p. 48).

A segunda etapa da natureza humana descrita por Rousseau é a perfectibilidade, ou seja, a capacidade que o homem tem de se aperfeiçoar. É a partir dessa qualidade e com a ajuda das circunstâncias, que se desenvolvem todas

as outras, levando, posteriormente, o homem para longe de sua natureza. Aqui o homem nutrirá suas habilidades de aperfeiçoamento, vendo naquilo que lhe é útil e que facilita a sua sobrevivência. Dentre essas utilidades perceberá que é necessário garantir seu bem estar físico, ou seja, tem em si o sentimento de autoconservação. Esse sentimento é a próxima característica, ainda natural, chamada por Rousseau de amor de si. Junto ao amor de si ⁴, está a única virtude ou paixão que precede qualquer reflexão, chamada de compaixão ou piedade, que podem ser entendidas como um instinto de conservação da espécie.

...é certo que a piedade é um sentimento natural que, moderando em cada individuo a atividade do amor de si mesmo, contribui para a conservação mútua de toda a espécie. É ela que nos leva, sem reflexão, a socorrer aqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de que ninguém é tentado a desobedecer à sua doce voz. (ROUSSEAU, 2012, p. 72).

Até aqui tivemos a estruturação do homem natural, o qual é livre, bom, autônomo e possui os sentimentos mais puros, “os selvagens não são maus, precisamente porque não sabem o que é ser bons, pois não é nem o desenvolvimento das luzes nem o freio da lei, mas a calma das paixões e a ignorância do vício que os impede de fazer o mal” (ROUSSEAU, 2012, p. 69), agora consideraremos as suas transformações perante as circunstâncias do mundo.

2.2 A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Após ter provado que a desigualdade mal se percebe no estado de natureza que sua influência ali é quase nula, resta-me mostrar sua origem e seus progressos nos desenvolvimentos sucessivos do espírito humano. Após ter mostrado que a perfectibilidade, as virtudes sociais e as outras faculdades que o homem natural recebeu em potência nunca podiam se desenvolver por si mesmas, que elas tinham necessidades de concurso fortuito de várias causas estranhas que podiam jamais ter nascido, e sem as quais ele teria permanecido eternamente em sua condição primitiva, resta-me considerar e aproximar os diferentes acasos que puderam aperfeiçoar a razão humana determinando a espécie, tornando má uma criatura ao torná-la sociável e,

⁴ O amor de si será abordado com mais detalhes posteriormente como um elemento fundamental no processo educativo. Por enquanto, basta saber que o amor de si é a paixão e o sentimento mais natural que o homem possui, pois nasce com ele e é através dele que se buscará “garantir sua persistência na vida e evitar aquilo que lhe é prejudicial” (FORTES, 2007, p. 64).

de uma origem tão distinta, trazer finalmente o homem e o mundo ao ponto em que vemos. (ROUSSEAU, 2012, p. 78-79).

Rousseau quer mostrar como as pessoas da civilização moderna se tornaram corruptas, mesmo tendo a bondade natural como perspectiva da essência humana. Explica como ocorreu a desigualdade e o sofrimento instaurado no coração da humanidade.

Assim sendo, após o estudo da natureza humana, o objetivo de Rousseau é mostrar como o ser humano, que era tão bom e puro, entrou no processo de desigualdade. Para Rousseau é a ação da perfectibilidade que conduziu o homem ao desenvolvimento e ao mesmo tempo para um desvio das suas tendências primitivas, é ela que joga o homem no processo de desigualdade e deteriora sua natureza, é a “fonte de todas as infelicidades do homem; que é ela que o tira, com o tempo, dessa condição originária na qual passaria dias tranquilos e inocentes” (ROUSSEAU, 2012, p. 56). Mas, ela não foi válida sozinha, as circunstâncias e a necessidade de sobrevivência, além do amor de si, também permitiram que os homens se desviassem da sua natureza.

Desse modo, quando o homem sente a necessidade de juntar-se um ao outro para o melhoramento de suas habilidades, acha também que haverá maiores condições de sobrevivência com seus semelhantes e por interesse comum, sendo a ocasião favorável, une-se ao outro. Mesmo que, segundo Rousseau, milhares de anos tenham sido necessários para que essas mudanças pudessem ser realmente visíveis, o homem ao se encontrar com o outro, planta a semente da sociedade e por um ato de liberdade perde a sua independência, destruindo irreversivelmente a própria liberdade.

...desde o instante em que um homem sentiu necessidade de socorrer, desde que se percebeu ser útil a um só canto com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis, que se impôs regar com o suor dos homens e nos quis se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas... (ROUSSEAU, 1973, p. 271).

É na segunda parte do Segundo Discurso que Rousseau começa a retratar o homem que se transforma e que se afasta de sua natureza. Para Rousseau, a motivação que separou o ser humano de si ou de sua natureza é a relação que

estabeleceu com a propriedade⁵ e a união com seus semelhantes implicada pela condição da propriedade. Além disso, o Filósofo dá a propriedade o estatuto de promotora da desigualdade e criadora da sociedade civil, ou seja, é por ela que o homem deixa seu estado de natureza para entrar no estado civil.

O primeiro que, ao cercar um terreno, teve a audácia de dizer *isto é meu* e encontrou gente bastante simples para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras e assassinatos, quantas misérias e horrores teria poupado ao gênero humano aquele que arrancando as estacas e cobrindo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Não escutem esse impostor! Estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra é de ninguém!”. (ROUSSEAU, 2012, p. 80).

Os homens se aproximaram lentamente, formaram grupos e nações através das semelhanças e costumes. Aí começa, construída pela união, a ser introduzida à noção de moralidade, a qual é, segundo Rousseau, o único juízo que rege as ações humanas antes das leis.

A propriedade (noção adquirida pelo aperfeiçoamento da razão) gera a necessidade de partilhar, sendo essa a primeira regra de justiça, aquela que dá a garantia de que cada um possa ter alguma coisa. Em contrapartida, as consequências geradas por sinais de riquezas de um mais que de outro, rompe a igualdade e fará nascer à desordem, enquanto a “razão se aperfeiçoa, a propriedade e a desigualdade se introduzem entre os homens, o meu e o teu se separam cada vez mais” (STAROBINSKI, 2011, p. 44).

“São essas transformações, consequência da apropriação privada, meios de produção e dos frutos do trabalho, que exigirão e conduzirão inevitavelmente ao ingresso propriamente dito na sociedade civil” (FORTES, 2007, p. 71).

O mau uso da liberdade transforma o amor de si em amor próprio, sentimento este que predomina no estado civil. É esse sentimento que destrói a

⁵ Em um primeiro momento, o conceito de propriedade, segundo Rousseau, está baseado na apropriação de uma extensão territorial, instituído assim a propriedade privada da terra, fruto da articulação das características metafísicas do homem (como a perfectibilidade, a união com seus semelhantes, o amor próprio e a divisão do trabalho). O direito a propriedade será relacionado ao processo de formação das leis, pois ela não é algo natural, mas sim criada pelo homem, assim como a sociedade civil, sendo que é pela apropriação da terra e a divisão do trabalho que se começa um processo de hierarquização tanto de status quanto de condições econômicas entre os homens, o que fragmenta a humanidade em ricos e pobres; e implicará na desigualdade.

piedade e pode se instalar em um estado de alienação⁶. “O homem social, cuja, existência já não é mais autônoma, mas relativa, inventa sem cessar novos desejos que não pode satisfazer por si mesmo. Precisa de riquezas e do privilégio: quer possuir objetos e dominar consciências” (STAROBINSKI, 2011, p. 44-45).

A sociedade nascente deu ensejo ao mais terrível estado de guerra. O gênero humano, aviltado e desolado, não podendo voltar atrás nem renunciar às aquisições infelizes que fizera e trabalhando apenas para a sua vergonha por ter abusado das faculdades que o dignificam, viu-se ele próprio diante da ruína. (ROUSSEAU, 2012, p. 94).

Dessa forma, “a sociedade civilizada, desenvolvendo sempre mais sua oposição à natureza, obscurece a relação imediata das consciências: a perda da transparência original vai de par com a alienação do homem nas coisas materiais” (STAROBINSKI, 2011, p. 39). Necessita-se então da criação de leis, de governos, de pactos sociais que regulem a situação caótica em que o homem se instalou. Não há reversibilidade, apenas a possibilidade de se estabelecer uma amenização da desigualdade, a qual foi autorizada pelo homem em vista da propriedade. O homem passa do estado natural para o estado civil e muda de modo notável, trocando o instinto de justiça pela moralidade. Antes baseava suas ações considerando apenas sua pessoa, e agora precisa se guiar na perspectiva da razão e não mais pelas suas inclinações, são obrigados a alienar a liberdade em nome da utilidade.

Mas então, quais seriam as possibilidades que Rousseau nos dá para a situação de corrupção humana e abandono da natureza? Como ele estruturará a natureza e corrupção no estudo civil? Como restaurar o homem da ruína?

Aqui estabeleceu a oposição que queremos analisar: agir de acordo com as inclinações naturais ou de acordo com os deveres exigidos pela sociedade? Se a natureza e a sociedade se confrontam na condição humana, o estado de natureza, com seus aspectos inatos, quer a liberdade e o repouso, enquanto o estado social, com seus conceitos adquiridos, almeja o trabalho, é orgulhoso e escravo do amor-próprio. Parece não haver uma conciliação, o homem renunciou a liberdade e a si mesmo em troca da opinião alheia e só consegue se encontrar no julgamento do

⁶ Jean Starobinski, em seu livro *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo* reforça essa ideia com a seguinte colocação “O homem se aliena em sua aparência” diz que “Rousseau apresenta o parecer ao mesmo tempo como a consequência e como a causa das transformações econômicas. De fato, Rousseau liga profundamente o problema moral e o problema econômico.” (STAROBINSKI, 2011, p. 44).

outro. O Filósofo coloca que “o selvagem vive nele mesmo, enquanto o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver a opinião dos outros, e é somente do julgamento deles, por assim dizer, que obtém o sentimento de sua própria existência” (ROUSSEAU, 2012, p. 113).

No livro *O contrato social*⁷, Rousseau (2013) diz que “o ser humano nasce livre e em toda parte está a ferros” (p. 11) e no livro *Emílio ou da educação*, Rousseau (2014) diz “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (p. 07). É a partir desses livros que Rousseau prossegue seus estudos na tentativa de solucionar as questões postas, a primeira no âmbito político e a segunda nas perspectivas da educação. “Ao pintar as misérias humanas, meu objetivo... mostrava aos homens como eles próprios produziram suas desgraças e, conseqüentemente, como podiam evitá-las” (ROUSSEAU, 2005, p. 123).

Rousseau tenta mostrar que o estado original do homem foi arruinado pelo espírito da sociedade, o qual trouxe para o homem a desigualdade, alterou e modificou as suas inclinações naturais.

Procurei expor a origem e a progresso da desigualdade... Conclui-se dessa exposição que a desigualdade é quase nula no estado de natureza, obtém sua força e cresce com o desenvolvimento de nossas faculdades e os progressos do espírito humano, tornando-se finalmente estável e legítima pelo estabelecimento da propriedade e das leis. (ROUSSEAU, 2012, p. 114).

Levando em conta as definições apresentadas neste capítulo, será descrito a seguir qual o objetivo de Rousseau em relação a educação, pois a partir disso será possível identificar as implicações da natureza e da sociedade nas perspectivas da formação do homem e do cidadão.

Com a caracterização do homem natural, como aquele que vive somente para si mesmo, e o homem civil, cuja existência passa a depender do concurso de seus semelhantes, Rousseau elabora um esboço que, se aplica ao Emílio, torna mais compreensível o problema da contradição entre o homem e o cidadão. (MARUYAMA, 2001, p. 24).

⁷ *O Contrato Social* foi publicado em 1761 e proibido no ano seguinte. É considerado como a obra prima de Rousseau no campo político. Propõe que todos os homens façam um novo contrato social onde se defenda a possível liberdade do homem.

3 O PROCESSO DE EDUCAÇÃO

Como colocado anteriormente, não há como escapar do processo de transformação do homem, sendo que as mudanças são percebidas na condição em que vivemos. Rousseau dá algumas soluções para que não haja o processo de degeneração humana, uma delas seria a da educação, descrita em seu livro *Emílio ou Da Educação*. Neste livro há a tentativa de formar o homem em pleno estado de natureza e trazer “a reconciliação da natureza e da cultura em uma sociedade que redescobre a natureza e supera as injustiças da civilização” (STAROBINSKI, 2011, p. 39). A tentativa é de conservar a bondade original, pois, segundo o Filósofo, “mesmo o homem sendo bom, os homens acabam por tornar-se maus” (ROUSSEAU, 2005, p. 49), assim o seu livro *Emílio* busca o que seria necessário fazer para impedir que o ser humano termine degenerado.

Para se aprofundar nessa tentativa de investigação que busca encontrar as implicações da definição de homem natural e homem social na educação do homem e do cidadão, devemos primeiro compreender a definição de educação dada por Rousseau que será apresentada a seguir, após isso entraremos nas implicações propriamente ditas.

Segundo Rousseau a educação possibilita a formação do homem enquanto agente livre e é um processo que ocorre no indivíduo e com o indivíduo, ou seja, um ser independente que não possui ligações diretas com os outros homens.

Esse conceito de indivíduo está atrelado diretamente com a questão de formar um sujeito autônomo. Isso se explica no fato de que o homem ao unir-se aos outros homens no processo de apropriação e formação da sociedade civil perde o seu estatuto natural, criando uma relação de dependência. Pode-se dizer que o homem perde a sua autonomia, e junto com ela estão a individualidade, a liberdade e a igualdade. A tentativa da educação, segundo Rousseau, é de que o ser humano não perca essas qualidades naturais. Sendo que a autonomia aqui não se trata apenas de pensar por si mesmo, mas de todo contexto da vida, “desde a satisfação das necessidades básicas à escolha da profissão, o critério deve ser a redução da dependência do outro” (STRECK, 2004, p. 29). Isso implica colocar em primeiro plano o sujeito da aprendizagem, levando sempre em consideração como medida e critério daquilo que se quer aprender.

No Segundo Discurso, Rousseau diz que não há progresso sem educação, sem ela o homem não se formaria, mas se corromperia em meio à sociedade ou continuaria em seu estado primitivo e “a espécie já era velha e o homem permanecia sempre criança” (ROUSSEAU, 2012, p. 76). Assim, o Filósofo considera o homem não apenas um indivíduo isolado e sem responsabilidades, mas alguém que consegue ser capaz de reconhecer a sua própria história e modificar a si mesmo. A educação seria, portanto, como uma espécie de ponte para que o conflito entre a natureza e a cultura não ocorra, pois o homem precisa se desenvolver de modo que não perca a sua essência natural.

O objetivo declarado do livro [*Emílio*] é mostrar como uma educação apropriada pode ser bem-sucedida na formação de um jovem que é feliz e virtuoso, mas tinha o objetivo maior de defender a tese de que as pessoas são naturalmente boas e que são feitas ruins e infelizes pela sociedade. (SIMPSON, 2009, p. 150).

É a partir dessas concepções que Rousseau forma Emílio, um aluno imaginário, acompanhando o seu desenvolvimento desde o nascimento até a fase adulta, fazendo reflexões sobre as características que desenvolvem a criança, como: as habilidades, a personalidade e a inteligência.

...a natureza o chama para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar, tudo que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. (ROUSSEAU, 2014, p. 15).

Portanto, a preocupação da educação de Rousseau é formar a criança um homem, ou seja, ensinar Emílio a conservar a bondade que lhe é natural, fazer com que o aluno aprenda a enfrentar os sofrimentos da vida sem perder essência do homem.

3.1 OS TRÊS MESTRES

Para Rousseau (2014), “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de

juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (p. 9). Essa educação que nos forma, pode vir de três tipos de mestres: a natureza, as coisas e os homens. Esses modos de educação são necessários e inevitáveis, cada um em sua medida. Vejamos como o próprio filósofo descreve os mestres:

O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

A educação da natureza é aquela que não podemos controlar, pois não depende de nós; a das coisas ou das sensações é aquela que temos controle parcial; e a educação dos homens é a única que podemos ter controle real. Mesmo assim, não se pode direcionar inteiramente a educação de um ser humano, pois a educação é uma arte, assim não é possível prever qual à medida que cada mestre influenciará na vida de um indivíduo. O que se pode fazer, no entanto, é aproximar a educação das coisas e a educação dos homens (aquelas que temos controle) do alvo, ou seja, orienta-las para aquela educação que não possuímos controle (a educação da natureza).

Se a natureza é o objetivo, como deve ser esse processo de educação? A estratégia usada por Rousseau é a da chamada educação negativa, que consiste em respeitar cada idade, cada estágio da vida de acordo com o que aluno consegue alcançar; e tem o objetivo de tornar, desde a infância, o indivíduo um homem livre, que aspire essência da bondade primitiva e natural. Assim Emílio será educado, recebendo as lições em ambiente doméstico, longe dos males da sociedade.

A educação (negativa) se baseia na sensibilidade e na natureza, pois não necessita de uma influência propriamente dita por parte do educador, Emílio aprenderá por si mesmo, recebendo apenas os cuidados de seu preceptor⁸, que mantém seu aluno longe dos obstáculos da sociedade e fechado para a entrada dos vícios, deixando apenas que a virtude se estabeleça. “É o princípio da utilidade que deve guiar Emílio. Para que esse princípio dê bom resultado, é preciso que os

⁸ Preceptor é considerado como uma pessoa incumbida de acompanhar e orientar a educação de uma criança. O próprio J-J. Rousseau desempenhou o papel de preceptor.

obstáculos, que a criança tenha que ultrapassar, estejam na medida de suas forças” (ALMEIDA JR., 2009, p. 42).

Dessa forma, Emílio é respeitado desde a infância como um ser que se forma homem em pleno estado de liberdade. O preceptor respeita a vontade de seu aluno e este recebe as lições necessárias conforme aquilo que está preparado para aprender. Além disso, o aluno aprende pelos fatos e pela própria experiência, sem as interpretações dos livros, aplicando nas coisas o seu próprio julgamento. A tentativa será educar a criança de modo que, mesmo vivendo em uma sociedade de máscaras sua alma continue pura em estado de natureza. Sua razão e sua consciência se desenvolverão de forma sólida e o destinarão a ser um indivíduo moralmente bom.

3.2 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO

Após a explicação, que se situa na introdução e na primeira parte do Livro I, de *Emílio ou Da Educação*, sobre o método e as bases da educação da natureza, Rousseau faz uma minuciosa análise e descrição dos passos da educação de Emílio. O Tratado sobre a educação é dividido em cinco Livros, cada um com um nível etário, os quais estão relacionados respectivamente com a medida do desenvolvimento do educando, do nascimento até a fase adulta, “segue a análise do desenvolvimento do caráter humano” (SIMPSON, 2009, p. 151) “e possui a pretensão de dar conta do desenvolvimento sensitivo, cognitivo e moral do ser humano, dividindo tal desenvolvimento em diferentes fases” (DALBOSCO, 2011, p. 22).

É importante notar que não se trata da educação de uma comunidade de crianças (como a sala de aula), mas do ensino-aprendizagem de um único aluno. Além disso, de início, é preciso escolher entre formar um **homem** ou formar um **cidadão**, a princípio Rousseau, opta por formar um homem, o que posteriormente será explicado em detalhes na tentativa de entrar nas implicações da educação segundo o Filósofo investigado.

Vejamos, agora, de modo geral, como se dão alguns aspectos das fases da educação, que deve estar baseada, como dito, na natureza do indivíduo seguindo cada nível do desenvolvimento.

A primeira etapa se dá de zero aos dois anos, podendo ser chamada de primeira infância, ou idade da necessidade, onde “são lançadas as bases para a constituição do ser humano” (STRECK, 2004, p. 38). Destaca-se a importância da alimentação e da higiene, os cuidados com as vestimentas e a preocupação de como devem ser os primeiros brinquedos, além disso, atentar para o choro da criança como forma de evitar que ela seja mimada. Neste Livro Rousseau também fala sobre o papel das mães como primeiras “professoras”.

Já no Livro II, período que vai dos dois aos doze anos, é a fase do fortalecimento do corpo, ou idade da natureza, na qual “o aprendizado ou desenvolvimento do espírito deve ser feito em contato com as coisas; para tanto, deve-se estar em meio à natureza, nos bosques” (ALMEIDA JR., 2013, p. 116).

É nesse segundo grau de que propriamente começa a vida do indivíduo; é então que ele toma consciência de si mesmo. A memória amplia o sentimento da identidade para todos os momentos de sua existência; ele se torna verdadeiramente uno, o mesmo e, por conseguinte, já capaz de felicidade e de miséria. Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral. (ROUSSEAU, 2014, p. 72).

Sendo assim, as coisas devem ser aprendidas por Emílio pela associação do que se conhece pela experiência, deixando que a criança aprenda por si mesma e não através de fórmulas prontas ou pelos livros que, segundo Rousseau, são contra os fatos, além disso, desenvolvem em hora errada a imaginação, sendo esta também uma fonte de corrupção, pois faz a criança projetar uma vida que não existe ou que está fora de seu alcance. “É a imaginação que amplia para nós a medida dos possíveis, tanto para o bem quanto para o mal e, por conseguinte, provoca e nutre os desejos com a esperança de satisfazê-los” (ROUSSEAU, 2014, p. 75). A imaginação terá seu papel na educação de Emílio em outra etapa de sua formação, por enquanto, a criança deve ser educada “sempre perto da natureza, do mundo real” (ALMEIDA JR., 2013, p. 117), ou seja, uma educação extremamente negativa, sendo que o ideal seria que não tivesse nenhuma lição sobre verdades e virtudes, pois isso poderia corromper a sua moralidade, recebendo, portanto, apenas lições baseadas nas experiências com as coisas.

No método de Rousseau é preciso perder tempo nesta fase, para que se ganhe tempo posteriormente, assim Emílio avança em qualidade, é sempre “forçado” a aprender por si mesmo através das situações colocadas pelo preceptor, desenvolvendo seu raciocínio de forma natural.

Pelo método aplicado, foi forçado a aprender pela razão, sempre a partir das próprias coisas; assim, aprendeu sempre pelo uso da própria razão, e não pela de outrem. Essa autonomia permitiu poucos avanços, mas grandes conquistas, eis a qualidade do aprendizado. (ALMEIDA JR. 2013, p. 117-118).

Chega-se então a terceira infância ou adolescência, que vai dos doze aos quinze anos, a idade da força, onde a utilidade será o principal foco nesta etapa, pois Emílio aprenderá uma profissão, por isso, as perguntas sobre o “por quê?” e o “para quê?” das coisas serão importantes para desenvolver a curiosidade do aluno.

Aqui a única leitura permitida a Emílio será Robinson Crusoe, pois tal livro trata de uma analogia com a vida do próprio educando.

Robinson Crusoe em sua ilha, sozinho, sem amparo de seus semelhantes e dos instrumentos de todas as artes, provendo porém à sua subsistência, à sua conservação e conseguindo até uma espécie de bem-estar, eis um tema interessante para qualquer idade...Esse estado não é, concordo, o do homem social; provavelmente não o de Emílio, mas é através desse mesmo estado que ele deve apreciar todos os outros. O meio mais seguro de nos elevarmos acima dos preconceitos e ordenarmos os juízos de acordo com as verdadeiras relações entre as coisas é colocarmos-nos no lugar de um homem isolado e julgarmos tudo como tal homem deve ele próprio julgar, com relação à sua própria utilidade. (ROUSSEAU, 2014, p. 244-245).

O conhecimento adquirido por Emílio é todo dele e para ele, criado em pleno estado de liberdade, mas agora é preciso entrar na vida social. Tivemos até então as prescrições para uma boa educação, baseada em estratégias para a inserção do aluno de Rousseau em sociedade, sendo que esta é inevitável na condição humana.

Veremos posteriormente as fases do desenvolvimento dos Livros IV e V, pois são neles que conseguiremos ver de que forma a educação tida por Emílio é implicada enquanto indivíduo livre, que tem como possível destino viver e conhecer a sociedade corrompida.

4 FORMAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO SEGUNDO O CONCEITO DE NATUREZA E SOCIEDADE

Como demonstrado anteriormente pelos conceitos de **homem natural** e **homem social**, a proposta educacional de Rousseau vem com o intuito de afastar o ser humano da **sociedade** e de resgatar ou não permitir que ele se degenere, assim o aproxima da **natureza**, colocando as ideias da educação natural como o melhor caminho para atingir seus objetivos.

Chega-se ao ponto da educação de Emílio, que compreendem os Livros IV e V, no qual o educando deve ser inserido na sociedade. Rousseau optou por formar o homem, pois ele mesmo afirma que “forçado a combater a natureza ou as instituições, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se pode fazer os dois ao mesmo tempo” (ROUSSEAU, 2014, p. 11), isso porque, ainda no Livro I Rousseau coloca que existem dois tipos de educação, a educação pública e a educação da natureza. A primeira consiste no Estado como responsável pela educação do cidadão, substituindo os pais na educação dos filhos, transformando os homens desde a infância, de indivíduos para parte de um eu comum, ou seja, levando o homem individual para o estatuto de cidadão, um amante da pátria. Entretanto, segundo Rousseau, não poderia se optar por esse tipo de educação, pois ela seria corrompida junto com a sociedade, seria uma educação baseada em máscaras. “Ora, a educação pública não é possível numa sociedade corrompida porque seus colégios apenas reproduzirão dentro dos seus muros os preconceitos que já tomam conta de toda a sociedade” (ALMEIDA JR. 2009, p. 72-73).

Essas definições são marcadas também pela própria definição de homem natural e homem social. Rousseau (2014), diz que:

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o outro, que é o corpo social. (p. 11).

Rousseau coloca o homem natural como bom e autônomo e o homem civil como cidadão que vive para o corpo político. “Nesse sentido, podemos dizer que o homem e o cidadão se opõem tanto quanto homem natural e homem civil”

(MARUYAMA, 2001, p. 27), porém, a princípio no Livro I de Emílio, Rousseau, atribui impossibilidade para a educação do cidadão ou do homem pela sociedade, pois ele seria corrompido junto a ela, no mesmo princípio dado anteriormente das características da natureza e as características dadas pela transformação social.

Aquele que, na ordem civil, que conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão, Será um desses homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada. (ROUSSEAU, 2014, p. 12).

Dadas as definições do que seria um homem natural (bom e autônomo) e o que seria um homem social (degenerado e corrupto) que “nasce, vive e morre na escravidão” (ROUSSEAU, 2014, p. 16), assim, Rousseau opta por formar o homem como homem seguindo os caminhos da natureza.

Ficando, portanto, com a proposta educacional doméstica ou natural, pois é nela que Emílio primeiramente se fará um homem e depois um cidadão. Uma vez que, ser cidadão é também uma das condições necessárias na vida de um indivíduo educado pela natureza, ou seja, é condição indispensável para se formar homem.

Apesar da oposição, o próprio Filósofo afirma que “se promovera o duplo fim que nos propomos reunir-se em um só” (ROUSSEAU, 2014, p. 14), ou seja, formando-se o homem se forma em sua consequência o próprio cidadão, e não os dois ao mesmo tempo.

Assim, o período que compreende o Livro IV vai dos quinze aos vinte anos, Emílio tem como objeto o próprio homem, pois é chegada a hora de conhecer e ser parte da sociedade, “é aqui que o homem nasce verdadeiramente para a vida e que nada de humano é alheio” (ROUSSEAU, 2014, p. 287).

Nasce um indivíduo dotado de autonomia e que poderá entrar em qualquer sociedade sem se deixar interferir por ela. Assim a educação, como dito anteriormente, assume o papel de ponte entre a educação e a cultura, organizando as relações entre as duas extremidades. Por isso, é necessário pensar, que se o homem é bom por natureza, “uma sociedade e uma educação que não corrompam esta bondade, mas, ao contrário, a desdobrem em virtudes sociais” (DOZOL, 2006, p. 32).

Por isso, segundo as interpretações de Dalbosco (2011), o projeto educacional de Rousseau tem como finalidade não só a natureza mais também a

social, coloca que o Filósofo “por meio do processo educativo de um aluno fictício, os traços gerais de um indivíduo autêntico e soberano capaz de habitar uma sociedade republicana ideal, governada pela vontade geral” (p. 23).

Analisemos, portanto, as principais características e ações que Emílio deverá tomar para adentrar em meio social sem ser corrompido por ela.

4.1 A FORMAÇÃO DO HOMEM NATURAL E A VIDA EM SOCIEDADE

“O sentimento e a inteligência de Rousseau procuram uma maneira de conciliar, num mesmo projeto político e educativo, natureza e sociedade, eliminando as contradições humanas” (DOZOL, 2006, p. 32).

Para que Emílio seja um homem e posteriormente um cidadão, será necessário cultivar as características do homem natural, descritas na primeira parte deste trabalho. Assim o conceito de estado de natureza se aplica sobre como a educação deve ser, sendo que ela também deve evitar as consequências das transformações trazidas pela sociedade artificial. A educação, porém, tem como objetivo a busca da natureza na formação do próprio cidadão para uma vida social, visto que ela é inevitável.

“Neste ponto ficamos frente a frente com um Homem, cuja bondade natural, preservada no ambiente bucólico do campo, transforma-se em virtude e ética em sociedade” (DOZOL, 2006, p. 55), é agora que Emílio deve assumir a própria natureza de bondade e descobrir a ordem da razão e da consciência moral.

Desse modo, Emílio será inserido na sociedade, sendo necessário, primeiramente conhecer o homem civil. A primeira coisa que o aluno de Rousseau precisa é do sentimento de piedade, vindo do amor de si, paixão natural que se refere à conservação do homem e de seus semelhantes, é essa paixão que faz o homem se inclinar para a benevolência.

A fonte das nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações. (ROUSSEAU, 2014, p. 286).

É essencial que o amor de si, já existente, floresça e que Emílio tenha poucas necessidades, dessa forma, haverá pouca comparação e seu sentimento mais natural não se degenerará em amor próprio. Assim, a educação segundo Rousseau, como descrita anteriormente, agora “aparece como uma forma de manter o equilíbrio entre a piedade e o *amor de si* (desejo de conservação) e afastar o homem do *amor próprio* (vaidade)” (FALABRETTI; SANTOS, 2014, p. 167).

A comparação é inevitável, pois ela será indispensável para conhecer o homem. A capacidade de Emílio em julgar se aguça, além do mais, agora ele é um ser consciente de sua moral, tudo que seu preceptor fez até então foi para que se fizesse um selvagem criado para morar na cidade.

Para Rousseau, a educação da natureza é um processo gradual e lento, e a educação dos homens é sempre adiantada. “No primeiro caso, os sentidos despertam a imaginação; no segundo, a imaginação desperta os sentido” (ROUSSEAU, 2014, p. 292), por isso, é preciso cuidar para que Emílio não se perca em meio à sociedade e o trabalho de seu mestre não se acabe pela degeneração da transformação social.

Dessa forma, Emílio deve ser guiado pelos sentidos mais naturais, sabendo usar as paixões de modo que sinta a relação entre os homens de forma verdadeira, que ele consiga ver o homem social sem máscaras e tudo mais deverá ser ordenado a partir dessa relação. Primeiro deverá se estabelecer a emoção e depois a noção de bem e mal.

Como já visto a imaginação não é algo que deve ser estimulado na criança, mas aqui ela ganha força e sentido. “O primeiro ato de sua imaginação nascente é ensinar-lhe que existem semelhantes” (ROUSSEAU, 2014, p. 300), é ela que dará potência à piedade. É a imaginação que, segundo Rousseau (2014), “coloca-nos no lugar do miserável mais do que no lugar do homem feliz...A piedade é doce, porque ao nos colocarmos no lugar de quem sofre sentimos no entanto o prazer de não sofrermos como ele” (p. 302).

Emílio sabe o que é o sofrimento, pois ele mesmo já o sentiu, por isso, deve comover-se com a dor do outro, é assim, que “nasce a piedade, primeiro sentimento relativo que toca o coração humano conforme a ordem da natureza” (ROUSSEAU, 2014, p. 304). Emílio conhecerá as misérias físicas e morais do homem e aprenderá a amá-lo, “ensinai vosso aluno a amar todos os homens mesmo os que o

menosprezam; fazei com que não se situe em nenhuma classe” (ROUSSEAU, 2014, p. 309).

Segundo Rousseau, poderá haver momentos críticos desse conhecimento, devendo o preceptor reconhecer e guiar Emílio de volta para seu ambiente de criação. Nosso aluno precisa se reconhecer nas misérias do outro, e sem se sentir melhor deve ser livre e consciente, deve julgar e saber que também está sujeito as mesmas fraquezas, já que também é um homem.

...erguem-se as primeiras vozes da consciência, e como nascem as primeiras noções de bem e mal dos sentimentos de amor e ódio; mostraria que a justiça e bondade não são apenas palavras abstratas, meros seres morais formados pelo entendimento, mas verdadeiras afecções iluminadas pela razão, que não são mais que um progresso ordenado de nossas afecções primitivas. (ROUSSEAU, 2014, p. 323-324).

O sentimento de união e conservação da espécie nascerá, Emílio deverá conhecer assim o homem pelas suas diferenças, ou seja, conhecerá a desigualdade e esse aprendizado deve ser pelos fatos. A educação de Emílio foi baseada nos sentidos e não nas abstrações, por isso, quando o conhecimento do homem se faz necessário, deverá ser pelos fatos reais e não pela história contada pelos outros homens, deve ser vista e aprendida por si mesmo, “é preciso saber ler nos fatos antes de ler nas máximas” (ROUSSEAU, 2014, p. 331).

O aluno de Rousseau saberá descartar as ilusões; saberá conhecer os homens sem se voltar para si mesmo ou se sentir melhor que o outro; julgará somente aquilo que conhece; será um selvagem que sabe refletir com sabedoria; verá no coração do homem as misérias dos sentimentos e preferirá a sua maneira de ser, de ver e sentir, saberá que está propenso as mesmas infelicidades. Assim, “é preciso começar por estudar o homem para julgar os homens, e quem conhecesse perfeitamente as inclinações de cada indivíduo poderia prever todos os efeitos combinados no corpo do povo” (ROUSSEAU, 2014, p. 332). “Para viver no mundo, é preciso saber lidar com os homens, é preciso conhecer os instrumentos que permitem influir sobre eles; é preciso calcular a ação e a reação do interesse particular na sociedade civil...” (ROUSSEAU, 2014, p. 347).

...o exercício das virtudes sociais leva ao fundo dos corações o amor da humanidade; é fazendo o bem que nos tornamos bons; não outra prática mais segura. Ocupai vosso aluno com todas as boas ações que estiverem ao seu alcance... (ROUSSEAU, 2014, p. 348).

Dessa forma, Emílio é o bom selvagem que foi criado para morar na cidade, tem liberdade e conquistou a autonomia necessária para o bem agir. Foi a partir da educação da natureza (educação negativa), que reinou do nascimento até a segunda infância de Emílio, teve como objetivo o “fortalecimento do corpo e o refinamento dos sentimentos” (DALBOSCO, 2011, p. 24) que o aluno de Rousseau potencializou a sua capacidade de agir eticamente, produzindo assim, o amor pelo outro, ou seja, a piedade. Também foi a partir da educação natural que proporcionou a entrada de Emílio na segunda fase da sua educação, a social (educação positiva), a qual prevaleceu proporcionando o amadurecimento da moral e do reconhecimento de si.

Mas este amadurecimento moral almejado só pode ser alcançado se a educação negativa for adequadamente desenvolvida. Isso quer dizer então, em outras palavras que a robustez do corpo e o refinamento dos sentimentos são condições necessárias, mas não suficiente, do progressivo desenvolvimento cognitivo e moral do educando. (DALBOSCO, 2011, p. 24).

O conceito de natureza, que foi o guia da educação de Emílio possibilitou a formação do homem, e agora esse homem entra no convívio social e se faz cidadão em consequência da educação natural e de uma liberdade bem regada.

4.2 A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Como descrito na análise do Segundo Discurso, o homem causou nele mesmo a degeneração, cabendo a ele a reconciliação com a natureza. Rousseau nos mostra o caminho da educação para tal empreendimento, assim “realiza-se por meio de um amplo projeto de formação que contém um plano individual, de formação do homem em todas suas disposições naturais, e em plano coletivo de formação do homem social, isto é, o cidadão” (PAIVA, 2007, p. 327).

Mesmo Rousseau tendo colocado a alternativa de se formar homem ou cidadão, referindo-se a oposição do conceito de homem natural e homem social, agora o Filósofo “pretende unir no Emílio, por meio de um método pedagógico, os dois princípios, de modo que ele seja ao mesmo tempo homem exemplar e cidadão

exemplar” (MARUYMA, 2001, p. 36) que também podemos considerar nas interpretações de Natalia Maruyma (2001), que o homem que Rousseau estrutura sob a figura de Emílio seria a do homem natural que vive em sociedade, assim o conflito tem possibilidade de ser resolvido, pois “supõe como condição que o homem aja de acordo com os outros, como o homem civil, sem, contudo, deixar de agir de acordo consigo mesmo” (p. 37).

É ainda no capítulo IV do Tratado sobre a Educação, que Emílio conhece o homem; e também aprende os preceitos sobre a religião; é apresentado aos espetáculos de Paris e a diversas culturas, refina a sua experiência do gosto; conhece Sofia, que será sua futura esposa e saberá, portanto, “observar no comportamento dos homens seu verdadeiro caráter. Emílio estará livre do império das paixões.” (ALMEIDA JR., 2013, p. 121).

Agora no capítulo V se compreende a educação de Sofia, ou seja, a educação feminina e também a educação dos 20 aos 25 anos de Emílio, juntamente a essa fase temos a formação do cidadão, que dependeu integralmente das fases anteriores dadas pela educação natural e pelo conceito de estado de natureza.

No início desse livro Rousseau estabelece uma fala sobre as possibilidades da educação da natureza e da educação da sociedade. Como já visto, a primeira formaria o homem e a segunda o cidadão, entretanto, Rousseau nos diz que a educação social seria impossível, pois ela se deturparia junto com as mazelas sociais. Sendo assim, a educação da natureza é a mais apropriada e segura, pois ao final desse desenvolvimento temos também a formação do cidadão, que nada tem a ver com as transformações sociais dadas pela passagem do estado de natureza para o estado de sociedade, descrita no Segundo Discurso.

Emílio já se tornou um homem e agora se tornará um cidadão; conhecerá as formas de governo e para que esse conhecimento se dê da melhor maneira, nosso aluno fará viagens que o ajudarão pela experiência a distinguir os diferentes regimes políticos.

O Emílio e o cidadão do Contrato social, semelhante ao selvagem, devem ser autossuficientes e solitários; cultivar o amor de si e a piedade; participar das assembleias públicas e, mesmo assim, votar com a própria consciência; reconhecer, amar e reforçar na própria virtude da autonomia, que se esconde sob o espesso manto da corrupção e da aparência. (FALABRETTI; SANTOS, 2014, p. 173).

O que Emílio usará como modelo será o que Rousseau nos mostra no livro *O Contrato Social*. Neste contrato, se propõe que cada membro da sociedade coloque em comum sua pessoa e seu poder em função de uma vontade geral, sendo um coletivo, onde cada membro seria parte indivisível de um todo.

Na medida em que homens reunidos se consideram como um só corpo, não têm senão uma vontade que se vincula à conservação comum e ao bem-estar geral...o bem-comum se mostrado por toda parte com evidência e não exigindo senão o bom senso para ser percebido. A paz, a união, a igualdade são inimigas das sutilezas políticas...se trata de transformar em lei aquilo que cada um já resolveu fazer, uma vez esteja certo que os outros o farão como ele. (ROUSSEAU, 2013, p. 105).

Emílio sabe viver no contexto do entendimento do outro, ele “é o novo cidadão, o indivíduo com autonomia e com capacidade para enfrentar os desafios do novo mundo que se aproxima.” (STRECK, 2004, p. 49), foi feito para tornar-se um cidadão do mundo.

...é cidadão aquele que produz a vontade coletiva, mediante sua atuação legislante. Essa vontade é uma resultante do conjunto das vontades dos associados. Não uma soma de suas vontades enquanto indivíduo que visam apenas a seu interesse particular, mas uma expressão da vontade de cada indivíduo quando imbuído do interesse coletivo e visando o bem comum. (FORTES, 2007, p. 97).

Ou seja, é um ser humano ideal, que possui duas dimensões em um só indivíduo, é fruto da educação natural e do contrato social, chamado por Paiva de homem total, “é a junção do homem autêntico com o cidadão, superando o burguês e todos os vícios engendrados no desvirtuamento das paixões” (PAIVA, 2007, p. 327). É a aliança da formação humana e do projeto político, pelo conceito de natureza.

Emílio é um ser formado pela natureza, que é livre, mas que não está fechado em uma ilha, ele é também um ser social não corrompido, é “bem preparado para viver no mundo e ser de protótipo do cidadão de uma possível sociedade nos moldes do *Contrato Social*” (PAIVA, 2007, p. 327). Porém, o próprio Rousseau diz que é impossível prever o que acontecerá com a educação de Emílio, visto que esta é uma arte e não uma ciência exata.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia rousseuniana, portanto, torna-se uma educação dos sentimentos e procura unir o que a história separou: cultura e natureza. No *Emílio*, Rousseau aponta para uma pedagogia que busca o desenvolvimento de um homem que permaneça ligado ao seu centro natural, sob o risco de deixar de ser verdadeiramente um homem. (FALABRETTI; SANTOS, 2014, p. 173).

A tentativa foi de delinear aspectos do conceito de natureza e sociedade implicadas no conceito de educação de Rousseau, que pretende formar tanto o homem quanto o cidadão. Examinando, assim o problema da contradição entre estado de natureza e estado social (ou civil), homem natural e homem social, formação do homem e formação do cidadão.

Mas a educação, mesmo sendo aquela que liga as oposições do natural e do social é também, segundo Rousseau, um processo impossível de ser previsto, ou melhor, é uma empreitada subjetiva. No próprio *Emílio ou da Educação*, o aluno de Rousseau será constantemente afastado dos perigos da sociedade pelo seu mestre, portanto, será que Emílio realmente permaneceu em harmonia com a sua natureza mesmo sendo inserido em sociedade? O que houve com nosso aluno após a separação de seu preceptor?

Em seu livro *Émile e Sophie ou os Solitários*⁹, obra posterior ao Tratado sobre a educação, Rousseau escreve as cartas de Emílio, onde conta a vida com Sofia após a partida de seu mestre. Temos neste texto o trágico relato da traição de Sofia após a mudança do casal para a cidade em decorrência da tristeza de Sofia com a morte de seus pais e de sua filha. Assim conta Emílio:

Chegando perto da capital, senti-me tomado por uma impressão funesta que jamais experimentara antes. Pressentimentos dos mais tristes surgiram no meu peito: tudo o que havia visto, tudo o que você me dissera das grandes cidades me fazia temer aquela estada...Eu estremeceia, olhando a triste Sophie, ao pensar que eu próprio estava a arrastando tantas virtudes para esse abismo de preconceitos e vícios onde se perdem por todo lado a felicidade e a inocência. (ROUSSEAU, 2010, p. 29).

⁹ *Émile e Sophie ou os Solitários* é um romance epistolar inacabado de Jean-Jacques Rousseau, foi escrito em 1768. O livro foi concebido, a partir da continuação da sua obra pedagógica.

Ao saber da traição de Sofia, Emílio entra em profundo desespero, em um embate entre a emoção e a razão, ou seja, o amor e a não admissão da infidelidade. Após um longo período afastado de Sofia, um estado reflexivo se instala; Emílio se dedica intensamente ao ofício de marceneiro; depois embarca nas viagens, passando por vários lugares e trabalhando para seu sustento, torna-se cada vez mais um homem do mundo, o qual considerava como sendo a sua pátria. Consegue se adaptar aos diferentes estilos de vida. A educação de Emílio o leva a ser um homem consciente de suas ações, porém, a vida social não o impediu de ser vítima dos obstáculos.

Não podemos saber o fim da história, mas o que vale estabelecer são a impossibilidade e a fraqueza da educação de Emílio, admitida pelo próprio Rousseau. Assim, pode-se concluir que “tudo que somos depende da educação, mas, por mais controlada e refletida que ela seja, seu remo não poderá ser garantido.” (STRECK, 2004, p. 49).

Mesmo com as dúvidas sobre o destino de Emílio, a tentativa desse trabalho foi de abarcar aspectos do pensamento de Rousseau que mescla, sem cerimônia, sonho e realidade e nos apresenta “um autêntico projeto de cidadania, para o qual concorrem a política, a moral e a educação” (DOZOL, 2006, p. 77).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, José Benedito. **Como ler Jean-Jacques Rousseau**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Educação e política em Jean-Jacques Rousseau**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Educação natural em Rousseau**: das necessidades da criança e dos cuidados do adulto. São Paulo: Cortez, 2011.

DOZOL, Marlene de Souza. **Educação**: a máscara e o rosto. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

FALABRETTI, Ericson; SANTOS, Wilton Borges dos. Rousseau: a natureza como modelo para a educação. In: MARTINS, Marcos Francisco; PEREIRA, Ascísio dos Reis (org.). **Filosofia e Educação**: ensaios sobre autores clássicos. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 159-175.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. **Rousseau**: o bom selvagem. São Paulo: Humanitas: Discurso Editorial, 2007.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. Notas acerca da educação doméstica e da educação pública no *Emílio* de Rousseau. **Notandum** (USP), v. 16, 2008, p. 53-64.

MARUYAMA, Natália. **A contradição entre o homem e o cidadão**, consciência e política segundo J.-J. Rousseau. São Paulo: Humanitas: Fepesp, 2001.

PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no *Emílio* de Rousseau. In: **Educação Pesquisa**. v. 33 n. 2. São Paulo maio/ago. 2007, p. 323-333.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Emilio ou da educação.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Emile e Sophie ou os solitários.** 1. ed. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. **Do contrato social:** ensaio sobre a origem das línguas. Discurso sobre as ciências e as artes. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **O contrato social:** princípios do direito político. Bauru: Edipro, 2013.

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau:** a transparência e o obstáculo, seguido de sete ensaios sobre Rousseau. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

STRECK, Danilo R. **Rousseau e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.